

Artigos Originais

ENEM e a temática de gênero entre 2020-2023: avanços num cenário de censura e vigilância¹

ENEM and the theme of gender between 2020-2023: advances in a scenario of censorship and surveillance

ENEM y la temática de género entre 2020-2023: avances en un escenario de censura y vigilancia



Fabiano Pries Devide

Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

fabianodevide@uol.com.br



Mariana Claveria Lobo

Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

marianaclaveria@id.uff.br

Resumo: O estudo analisou itens sobre gênero e sexualidade no caderno de Linguagens do ENEM, relacionadas à Educação Física, entre 2020-2023. O *corpus* documental se constituiu de 8 cadernos de Linguagens, aplicados no ENEM, nas três versões da prova. A análise organizou-se na leitura crítica dos cadernos, identificação dos itens de Educação Física; identificação de itens que tematizaram gênero e sexualidade e análise do conteúdo dos itens. Identificamos 39 itens, dentre os quais 11 abordaram gênero e sexualidade. Construímos 5 categorias: mulheres em modalidades de reserva masculina, desigualdades de gênero no esporte, masculinidades, sexualidade e feminilidade normativa. Conclui-se que houve avanços na visibilidade dos temas gênero e sexualidade nos itens de Educação Física do ENEM.

Palavras chave: ENEM. Educação Física escolar. Gênero. Sexualidade. Masculinidades.

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

Abstract: The study analyzed issues about gender and sexuality in the ENEM Languages book, related to Physical Education, between 2020-2023. The documentary *corpus* consisted of 8 books of Languages, applied in ENEM, in the three versions of the test. The analysis was organized in critical reading of the books, identification of the Physical Education that addressed gender and sexuality, and analysis of the content and of the items. A total of 39 items were identified, among which 11 addressed gender, and sexuality. We organized 5 categories: women in male reserve sports, gender inequalities in sport, masculinities, sexuality, and normative femininity. It is concluded that there have been advances in the visibility of the gender and sexuality theme in the Physical Education items of ENEM.

Keywords: ENEM. School Physical Education. Gender. sexuality. masculinities.

Resumen: El estudio analizó ítems sobre género y sexualidad en el cuaderno de Lenguaje del ENEM, relacionados con la Educación Física, entre 2020-2023. El *corpus* documental fue constituido por 8 cuadernos de Lenguaje, aplicados en el ENEM, en las tres versiones de la prueba. El análisis se organizó en la lectura crítica de los cuadernos, identificación de los ítems de Educación Física centrados en el género y la sexualidad; y análisis del contenido. Se identificaron 39 ítems, de los cuales 11 abordaban el género y la sexualidad. Construimos 5 categorías: mujeres en las modalidades de reserva masculina, desigualdades de género en el deporte, masculinidades, sexualidad y feminidad normativa. Se concluye que ha habido avances en la visibilización de las temáticas de género y sexualidad en los ítems de Educación Física del ENEM.

Palabras clave: ENEM. Educación Física Escolar. Género. Masculinidades.

Submetido em: 10/08/2024

Aceito em: 12/11/2024

1 Introdução

Neste estudo, interpretamos o gênero como categoria analítica e política, construída historicamente, socialmente e culturalmente sobre um corpo sexuado. O conceito de gênero rejeita o determinismo biológico, tornando-se uma ferramenta para refletirmos sobre a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas, ancoradas na anatomia dos corpos a partir de seu caráter relacional, rejeitando o binarismo (Scott, 1995; Goellner, 2005a).

Butler (2003) sublinha que as diferenças sexuais não são, por si, determinantes das desigualdades sociais de gênero, mas o significado da naturalização das diferenças de ordem social e histórica. De acordo com a autora, gêneros inteligíveis “[...] instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo.” (Butler, 2003, p. 38). Nesta arena, expectativas sociais reforçam a representação de uma heterossexualidade compulsória, naturalizada como a única lógica existente, determinada pela biologia. Mas é preciso refletir sobre o que se construiu sobre os sexos para compreendermos as relações entre homens e mulheres na sociedade (Louro, 1997).

Na Educação Física (EF) brasileira, os estudos de gênero tiveram início no final da década de 1980, com foco na Educação Física Escolar (EFE), questionando argumentos biológicos que nortearam a organização das aulas separadas por sexo ou mistas, além da generificação de conteúdos diferenciados para meninas/os. A partir de 1990, o debate extrapola a EFE e os referenciais teóricos e metodológicos indicam novos campos de interesse (Devidé *et al.*, 2011; Monteiro, 2016; Devidé, 2020; França *et al.*, 2023).

Novos estudos emergem nos Programas de Pós-Graduação e eventos científicos, com a ampliação de Grupos de Trabalho Temático (GTT), como o do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (Macedo; Goellner, 2014; França *et al.*, 2023) e a inserção da temática na formação inicial (Araújo; Devidé, 2019; Ramalho *et al.*, 2022; Leite *et al.*, 2022).

2 O ENEM

O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) foi criado em 1998 como um instrumento de avaliação em larga escala de concluintes do Ensino Médio e/ou daquelas/es que concluíram seus estudos na Educação de Jovens e Adultos (EJA)². É uma avaliação aplicada pelo Instituto Nacional de Pesquisa Anísio Teixeira (Inep), como meio de ingresso na maioria das Instituições de Ensino Superior (IES), através de programas como o Sistema de Seleção Unificada (Sisu)³ e o Universidade Para Todos (Prouni)⁴, além de convênios com universidades portuguesas, que aceitam a nota do ENEM desde 2014.

Em 2009, o ENEM assumiu novo formato, ocorrendo em dois dias, com 180 questões objetivas, divididas em 4 áreas de conhecimento, com 45 questões cada: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; Ciências Humanas e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; além da redação (Brasil, 2009). O ENEM completou 25 anos com transformações que democratizaram o acesso às IES públicas e privadas a partir do investimento em acessibilidade, isenção da taxa de inscrição para pessoas de baixa renda e egressas/os da EJA, possibilidade de inscrição online, aumento da abrangência nacional, aderência do ProUni no uso da nota do exame para ingresso nas IES, adoção do ENEM pelo Ministério da Educação (MEC) para ingresso nas IES e certificação do ensino médio, reconhecimento do nome social de pessoas trans, inserção da prova em Braile e em Libras e aplicação da prova para pessoas privadas de liberdade (PPL)⁵. Tais avanços não acabaram com as desigualdades na Educação Básica brasileira, mas garantem um maior acesso de uma parcela da população que estava à margem do Ensino Superior.

2 Modalidade de ensino criada pelo Governo Federal para jovens e adultos. Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação - Lei nº 9.394/1996 (BRASIL, 1996, p. 30-31), lê-se: "SEÇÃO V - Da Educação de Jovens e Adultos - Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. [...]" Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf. Acesso em: 11 set. 2023.

3 Sistema eletrônico gerido pelo MEC, responsável por selecionar estudantes com base em sua nota do ENEM, para ingresso em IES. Disponível em: <https://accessunico.mec.gov.br/sisu>. Acesso em: 11 set. 2023.

4 Programa que oferece bolsas parciais ou integrais para cursos de graduação ou sequenciais de formação específica para quem realizou o ENEM. Disponível em: <https://accessunico.mec.gov.br/prouni>. Acesso em: 11 set. 2023.

5 Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enem/historico>. Acesso em: 11 set. 2023.

Conforme a matriz de referência do ENEM (Brasil, 2009), o componente curricular da EF está inserido na área de “Linguagens, Códigos e suas Tecnologias”. Esta matriz se organiza por competências e habilidades das áreas. A competência 3 se refere à área da EF: “Compreender e utilizar a linguagem corporal como relevante para a própria vida, integradora e formadora da sociedade” (Brasil, 2009, p. 2), sendo dividida em habilidades:

H9 - Reconhecer as manifestações corporais de movimento como originárias de necessidades cotidianas de um grupo social; H10 - Reconhecer a necessidade de transformação de hábitos corporais em função das necessidades cinestésicas; H11 - Reconhecer a linguagem corporal como meio de interação social, considerando os limites de desempenho e as alternativas de adaptação para diferentes indivíduos. (Brasil, 2009, p. 2).

No âmbito das competências, o estudo das práticas corporais destaca-se com temas associados aos conhecimentos da EF, como linguagem corporal e sua relação com a integração social e a formação da identidade, vivência crítica do lazer, relações de gênero na sociedade, promoção da saúde, corpo enquanto produto cultural, além de aspectos éticos, sociais e políticos que atravessam a vivência das práticas corporais (Brasil, 2009).

Souza Júnior, Diniz e Ditomaso (2017) analisaram itens de EF no ENEM entre 2009-2017, identificando de 2 a 4 itens de EF por edição do exame. A análise tomou como categorias *a priori* os blocos de conteúdos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)⁶, editados no final da década 1990 (Brasil, 1997) e em vias de substituição pela atual Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018)⁷. O estudo identificou 10 itens sobre Conhecimentos sobre o Corpo, com foco na saúde numa vertente biologicista; 7 itens sobre Atividades Rítmicas e Expressivas, conteúdo que tem ficado à

6 Documento de cunho orientador da Educação Básica, elaborado pelo Governo Federal em 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 11 set. 2023.

7 Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 11 set. 2023.

margem da EFe; 2 itens sobre Esportes, apesar de o conteúdo ser hegemônico na EFe; 2 itens sobre Lutas; 1 item sobre Ginásticas e 1 item sobre Jogos e Brincadeiras. O estudo problematiza a contradição dos elementos ensinados no chão da escola e aqueles avaliados no ENEM no recorte pesquisado⁸.

Diferentemente do encaminhamento metodológico do estudo acima, esta pesquisa corrobora com dados encontrados por Brito e Devide (2021). Os autores se debruçaram na análise dos itens do ENEM entre 2009-2019, com atenção àqueles referentes à área da EF. O objetivo foi mapear e realizar uma análise de conteúdo dos itens relacionados à temática do Gênero e/ou Sexualidade. Como resultado, identificaram-se 34 itens de EF, dentre os quais apenas 5 se relacionavam à temática do Gênero, com um foco nas mulheres no esporte, a construção sociocultural dos corpos femininos e o cruzamento de fronteiras de gênero nas práticas corporais, rompendo com o binarismo de gênero.

3 Gênero e Sexualidade na Formação Inicial

A paulatina presença de questões que abordam essa temática no ENEM evidencia a necessidade do debate sobre gênero e sexualidade na formação inicial, oferecendo ferramentas didáticas para que futuras/os docentes problematizem de forma reflexiva as relações de gênero na EFe, conforme estudos já realizados (Araújo, Devide, 2019; Ramalho *et al.*, 2022; Silva, Lara, 2023; Barboza, Souza Júnior, 2023). A Resolução CNE/CP nº 2/2015 (Brasil, 2015) trouxe avanços ao indicar a obrigatoriedade dos cursos de ensino superior em pedagogia e licenciatura tratarem as questões de gênero e sexualidade entre os conteúdos da formação inicial; mas tal conquista teve retrocessos com a Resolução CNE/CP nº 2/2019 (Brasil, 2019), que invisibilizou o debate na formação inicial.

⁸ Outra contradição é a ausência da EF em escolas do ensino médio noturnas, respaldada pela Lei nº 9.394/1996, que tornou a EFe facultativa (BRASIL, 2003). Levantamento do INEP (INEP, 2010) apontou que 35% dos estudantes do Ensino Médio possuem matrículas em cursos noturnos. Logo, é necessário refletir que apesar de o ENEM possuir conteúdos da EF, um grupo representativo do Ensino Médio ainda não tem acesso a este componente curricular (FERNANDES; RODRIGUES; NARDON, 2017).

Louro (1997, p. 25) traz uma reflexão sobre o papel da escola, que constitui e é constituinte do gênero: “[...] a ideia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o. [...] Nessa perspectiva admite-se que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros”. As questões de gênero e sexualidade atravessam a escola e a EFe, sendo fundamental que a/o docente esteja preparada/o para debater tais temas nas aulas, rompendo o binarismo de gênero e as práticas sexistas, pois o silenciamento desta temática corrobora com o preconceito e a discriminação (ABGLT, 2016; Devidé, 2020).

Ressaltamos a relevância do estudo inicial (Brito, Devidé, 2021) desenvolvido num contexto histórico, social e político atravessado por constantes ataques e tentativas de silenciamento do debate sobre gênero e sexualidade na Educação (Cabrera, 2022; Pessanha; Devidé, 2023). No cenário de pânico moral sobre a suposta existência de uma “ideologia de gênero”, assistimos à exclusão dos termos gênero, sexualidade e orientação sexual de documentos oficiais, como o Plano Nacional de Educação (PNE), planos estaduais e municipais e a última versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018). Sobre esta vigilância, a *Human Rights Watch*⁹ publicou relatório identificando 217 projetos de lei que buscam criminalizar a abordagem do gênero e da sexualidade na escola. O documento traz 47 projetos de lei aprovados, estando 20 em vigor em âmbito municipal e 1 no estadual. O estudo entrevistou 56 pessoas, sendo 32 docentes de escolas públicas, que revelaram o medo em abordar essas temáticas nas aulas, pelos ataques, ameaças e processos administrativos sofridos na tentativa de abordar o gênero e a sexualidade na escola.

⁹ Disponível em: <https://www.hrw.org/pt/report/2022/05/12/381942>. Acesso em: 12 maio 2022.

4 Metodologia

A partir destas reflexões iniciais e dos ataques sofridos pelo ENEM no período de 2018-2022¹⁰, quando itens de EF foram desvalorizados pelo governo anterior, o presente estudo tem como objetivo mapear, analisar e interpretar as questões que se referem ao tema “gênero” e/ou “sexualidade” presentes no caderno de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias do ENEM, especificamente relacionadas ao componente curricular da EFe, entre 2020 e 2023. Avaliamos que o novo levantamento é necessário para refletir se os novos itens de EF indicam avanços sobre a reflexão acerca do gênero e da sexualidade pela EFe, apesar do contexto de vigilância e censura (Cabrera, 2022).

Este estudo se caracteriza como descritivo, qualitativo e documental (Minayo, 2002; Thomas; Nelson; Silverman, 2012). O *corpus* documental se constituiu por 8 cadernos de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias aplicados nas provas do ENEM entre os anos de 2020 e 2023. Foram analisadas 3 versões regulares da prova de cada ano, nomeadas de Prova 1 (2020-2021-2022 e 2023)¹¹; o ENEM digital, aplicado em 2020, em decorrência da pandemia do vírus da covid-19¹²; além da prova destinada às Pessoas Privadas de Liberdade/Reaplicação, uma versão aplicada tanto para PPL quanto àquelas que não conseguem fazer a Prova 1 por problemas com logística e/ou saúde.

A análise e interpretação dos documentos representados pelos respectivos cadernos do ENEM foi organizada em quatro etapas: *download* dos cadernos da página do INEP¹³, leitura crítica do material e identificação dos itens de EF; identificação de itens de EF que tematizaram gênero e/ou sexualidade e análise

10 Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/enem-e-vestibular/bolsonaro-critica-questao-do-enem-que-comparou-salario-de-marta-ney-mar-1-24843733>. Acesso em: 27 nov. 2023.

11 Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enem/provas-e-gabaritos>. Acesso em: 11 set. 2023.

12 Como em 2021 e 2022 as versões digitais da prova do ENEM possuíam os mesmos itens da prova regular (Prova 1), não as consideramos para fins de análise neste estudo.

13 Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enem/provas-e-gabaritos>. Acesso em: 27 gov. 2023. Uma vez que os itens apresentados na pesquisa estão publicados no site do INEP, optamos por não inserir a mesma fonte de forma repetida.

do conteúdo dos itens, buscando sua categorização, tendo como princípio o critério semântico e o conteúdo dos enunciados dos itens analisados (Bardin, 2011).

5 Resultados Parciais

Após leitura inicial e mapeamento dos cadernos de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, identificamos 39 itens de EF nos 8 cadernos analisados: 4 de provas regulares, 3 de provas PPL/ Reaplicação e 1 referente à versão digital. Dentre os itens, 11 abordaram a temática do gênero e/ou sexualidade nas questões de EF, 28,2% do total, resultado que indica avanços, considerando-se que o levantamento de Brito e Devide (2021), entre 2009 e 2019, encontrou um percentual de 14,7%.

Importante refletir que, apesar de a temática da sexualidade já ter sido considerada uma lacuna no campo dos estudos de gênero na EF (Devide *et al.*, 2011), é considerada emergente entre levantamentos recentes (França *et al.*, 2023), surgindo pela primeira vez no ENEM de 2023. A partir da leitura crítica do *corpus* documental, organizamos os 11 itens em categorias construídas *a posteriori*, a partir da aproximação semântica de seus conteúdos e dos problemas apresentados nos enunciados de cada item.

6 Mulheres em modalidades de reserva masculina

A primeira categoria refere-se às mulheres em modalidades generificadas como masculinas em nossa cultura corporal. A questão 18 (Figura 1) integrou a prova PPL/Reaplicação no ano de 2020 e traz como gabarito a alternativa “D”, que indica o cruzamento de uma fronteira de gênero pela atleta ao se inserir numa modalidade de reserva masculina: o MMA (*Mixed Martial Arts*). Ronda Rousey, campeã na modalidade, atraiu o público para assistir o MMA de mulheres. A questão requer que a/o estudante compreenda que a lutadora contrapôs um padrão de feminilidade hegemônico por participar de modalidades de combate, historicamente associadas à força, violência e agressividade, características tidas como masculinas.

Figura 1 – ENEM, PPL, Questão 18, 2020



Ronda Jean Rousey definitivamente é uma daquelas mulheres que ficará marcada na história. Ela foi capaz de fazer o que pouquíssimos conseguem: atrair o público normal, que não está acostumado a acompanhar o MMA regularmente.

RESENDE, I. Disponível em: <http://espn.uol.com.br>. Acesso em: 31 ago. 2017.

Ronda Rousey é uma atleta de MMA (*Mixed Martial Arts* – Artes Marciais Mistas), campeã nessa modalidade. Por seu desempenho na área das lutas, ela se contrapõe ao modelo de feminilidade normativo. No contexto da sociedade contemporânea, no qual mulheres têm conquistado diferentes espaços, Ronda

- A masculiniza-se em função das características necessárias a essa prática esportiva.
- B aproveita-se do padrão estético para conquistar patrocínios e manter-se no esporte.
- C submete-se aos elementos da identidade masculina para se manter no esporte.
- D cruza uma fronteira de gênero ao se inserir numa área de reserva masculina.
- E mantém sua feminilidade em detrimento de um alto desempenho esportivo.

Fonte: Inep (2020)¹⁴.

O esporte se constituiu como uma instituição generificada, de reserva masculina (Messner, 1992; Devede, 2021), a partir de um discurso biologicista e machista, que ainda representa as mulheres como um desvio do modelo masculino (Louro, 1997). Ao se inserirem em modalidades de reserva masculina, como o MMA, estas mulheres têm sua feminilidade e sexualidade questionadas, pois historicamente essas práticas não condizem com a sua “natureza” (Goellner, 2005b). Contudo, mulheres que não atendem ao padrão normativo de feminilidade tendem a romper com estereótipos e preconceitos de gênero, ocupando e ressignificando os espaços historicamente ocupados por homens (Fernandes *et al.*, 2015), rompendo com a linearidade sexo-gênero-desejo (Butler, 2003).

14 Disponível em: https://download.inep.gov.br/enem/provas_e_gabaritos/2020_PV_reaplicacao_PPL_D1_CD1.pdf. Acesso em: 4 fev. 2025.

A questão 25 (Figura 2) integrou a prova regular de 2022, tendo como gabarito a alternativa “C”, que aponta a necessidade de desconstrução do skate como modalidade de reserva masculina. O item aborda a conquista e a relevância da medalha de prata por Rayssa Leal, conferindo representatividade das meninas na modalidade. Requisita da/do estudante uma reflexão sobre a desconstrução da feminilidade hegemônica, na qual o skate não seria uma prática corporal destinada às mulheres, por se tratar de uma modalidade de aventura e risco.

Figura 2 – ENEM, P1, Questão 25, 2022

A conquista da medalha de prata por Rayssa Leal, no *skate street* nos Jogos Olímpicos, é exemplo da representatividade feminina no esporte, avalia a âncora do jornal da rede de televisão da CNN. A apresentadora, que também anda de skate, celebrou a vitória da brasileira, que entrou para a história como a atleta mais nova a subir num pódio defendendo o Brasil. “Essa representatividade do esporte nos Jogos faz pensarmos que não temos que ficar nos encaixando em nenhum lugar. Posso gostar de passar notícia e, mesmo assim, gostar de skate, subir montanha, mergulhar, andar de bike, fazer yoga. Temos que parar de ficar enquadrando as pessoas dentro de regras. A gente vive num padrão no qual a menina ganha boneca, mas por que também não fazer um esporte de aventura? Por que o homem pode se machucar, cair de joelhos, e a menina tem que estar sempre lindinha dentro de um padrão? Acabamos limitando os talentos das pessoas”, afirmou a jornalista, sobre a prática do skate por mulheres.

Disponível em: www.cnnbrasil.com.br. Acesso em: 31 out. 2021 (adaptado).

O discurso da jornalista traz questionamentos sobre a relação da conquista da skatista com a

- A** conciliação do jornalismo com a prática do skate.
- B** inserção das mulheres na modalidade *skate street*.
- C** desconstrução da noção do skate como modalidade masculina.
- D** vanguarda de ser a atleta mais jovem a subir no pódio olímpico.
- E** conquista de medalha nos Jogos Olímpicos de Tóquio.

Fonte: Inep (2022)¹⁵.

A inserção de meninas e mulheres na prática de aventura urbana do skate rompe estereótipos de gênero pautados na noção

¹⁵ Disponível em: https://download.inep.gov.br/enem/provas_e_gabaritos/2022_PV_impresso_D1_CD1.pdf. Acesso em: 4 fev. 2025.

de que a anatomia dos corpos determina, por exemplo, a habilidade motora para a prática de determinadas modalidades, desnaturalizando a ideia de que o skate é para os meninos e homens. Ao fazerem circular a representação de que o skate também é para as meninas, as *skatistas* explicitam que as habilidades necessárias à prática ultrapassam a noção do dimorfismo sexual (Figueira; Goellner, 2013). A inserção de meninas e mulheres nesta modalidade também inaugura novas feminilidades, sublinhando que a identidade de gênero é algo fluido, móvel e transitório, não sendo determinada pela anatomia dos corpos. O feminino e o masculino são interdependentes, fragmentados e plurais, cada um contendo o outro e carregando seus vestígios (Louro, 2001a; Louro, 2001b; Goellner, 2007; Devide, 2020).

7 Desigualdades de gênero no esporte

A segunda categoria refere-se à desigualdade de gênero nas diferentes modalidades esportivas. A questão 15 (Figura 3) integrou a Prova 1 em 2020 e traz como gabarito a alternativa “B”, que indica a desigualdade salarial no futebol, interpretado como modalidade masculina. O infográfico traz dados sobre a jogadora Marta e o jogador Neymar, ilustrando desigualdades sobre quanto vale o gol dela/e à luz da relação entre a remuneração anual e o número de gols. O item traz à tona a desigualdade de gênero no futebol brasileiro a partir do exemplo de ícones de uma modalidade com visibilidade, requisitando da/o estudante a reflexão sobre a generificação do futebol como modalidade masculina, aspecto amplamente investigado pelos estudos de gênero na EF brasileira (Goellner; Kessler, 2018; Goellner, 2021; Zuaneti; Saurin; Ferreira, 2021).

Figura 3 – ENEM, P1, Questão 15, 2021

O suor para estar em competições nacionais e internacionais de alto nível é o mesmo para homens e mulheres, mas não raramente as remunerações são menores para elas. Se no tênis, um dos esportes mais equânimes em termos de gênero, todos os principais torneios oferecem prêmios idênticos nas disputas femininas e masculinas, no futebol a desigualdade atinge seu ápice. Neymar e Marta são dois expoentes dessa paixão nacional. Ela já foi eleita cinco vezes a melhor jogadora do mundo pela Fifa. Ele conquistou o terceiro lugar na última votação para melhor do mundo. Mas é na conta bancária que a diferença entre os dois se sobressai.



Disponível em: <http://apublica.org>. Acesso em: 9 ago. 2017 (adaptado).

O esporte é uma manifestação cultural na qual se estabelecem relações sociais. Considerando o texto, o futebol é uma modalidade que

- A** apresenta proximidades com o tênis, no que tange às relações de gênero entre homens e mulheres.
- B** se caracteriza por uma identidade masculina no Brasil, conferindo maior remuneração aos jogadores.
- C** traz remunerações, aos jogadores e jogadoras, proporcionais aos seus esforços no treinamento esportivo.
- D** resulta em melhor eficiência para as mulheres e, conseqüentemente, em remuneração mais alta às jogadoras.
- E** possui jogadores e jogadoras com a mesma visibilidade, apesar de haver expoentes femininas de destaque, como Marta.

Fonte: Inep (2021)¹⁶.

O futebol é historicamente considerado um esporte masculino no Brasil, incompatível com a “natureza” feminina, associada às práticas corporais que reforçam uma determinada feminilidade e têm a maternidade como destino. Neste contexto, o futebol de mulheres foi proibido no Brasil pela Lei nº 3.999, de 14 de abril de 1941, que, em seu artigo 54, normatizava que às mulheres “[...] não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as suas condições de natureza [...]” (Brasil, 1941). Exemplos como a legis-

¹⁶ Disponível em: https://download.inep.gov.br/enem/provas_e_gabaritos/2020_PV_impresso_D1_CD1.pdf. Acesso em: 4 fev. 2025.

lação funcionaram como dispositivos que historicamente se pauperaram no determinismo biológico para justificar como “natural” a restrição à inserção de mulheres em diferentes modalidades – futebol, *rugby* e lutas (Goellner, 2005b); desconsiderando a construção social das desigualdades entre mulheres e homens no esporte, mantendo-as à margem de modalidades representadas como masculinas (Devide; Votre, 2005).

A questão 10 (Figura 4) integrou o exame PPL/Reaplicação no ano de 2022 e traz como gabarito a alternativa “A”. A questão indica a inovação da Federação Internacional de Vôlei ao igualar a premiação da modalidade para mulheres e homens na Liga das Nações, combatendo desigualdades de gênero presentes na remuneração assimétrica nos eventos, requisitando da/do estudante uma reflexão sobre as desigualdades de gênero nos esportes.

Figura 4 – ENEM, PPL/Reaplicação, Questão 10, 2021

Diante de uma fórmula consagrada, mas dando indícios de desgaste, a Federação Internacional de Vôlei quis mudar. No calendário há quase três décadas, a Liga Mundial e o Grand Prix deram origem à nova Liga das Nações. Mas, além das mudanças de formato, a competição promete revolucionar a forma com que o esporte chega ao público e também atende a um pedido antigo das mulheres: a igualdade na premiação. A competição dará US\$ 1 milhão para o campeão de cada gênero. Há algumas temporadas, as mulheres contestavam a diferença na premiação. A nova Liga das Nações, no entanto, atende ao pedido e iguala o valor recebido nos dois naipes. “Estamos compreendendo antes dos demais o espaço das mulheres no esporte. Até então tínhamos a Liga Mundial masculina, que pagava 1 milhão de dólares para o campeão, e o Grand Prix, que distribuía para a campeã feminina US\$ 350 mil. Já no ano passado, o prêmio do Grand Prix subiu para US\$ 600 mil. Com a criação da Liga das Nações, igualamos as premiações. Ao dar a mesma premiação para os dois gêneros, estamos dizendo ao mundo inteiro que homens e mulheres devem ter os mesmos direitos” — disse o presidente da FIVB.

Disponível em: <https://globoesporte.globo.com>. Acesso em: 9 jun. 2018 (adaptado).

A modalidade esportiva apresentada no texto caracteriza-se por ser

- A inovadora, ao equiparar a premiação para ambos os sexos.
- B obsoleta, ao premiar homens e mulheres de forma desigual.
- C reconhecida, ao manter o formato de seus eventos por décadas.
- D desgastada, ao não atender a uma demanda do público espectador.
- E conservadora, ao resistir à mudança do formato de seus eventos.

Fonte: Inep (2021)¹⁷.

17 Disponível em: https://download.inep.gov.br/enem/provas_e_gabaritos/2022_PV_reaplicacao_PPL_D1_CD1.pdf. Acesso em: 4 fev. 2025.

O esporte historicamente foi criado por homens e pensado para eles, reforçando-se o papel secundário e desvalorizado das mulheres nesta arena (Salvini; Souza; Marchi Júnior, 2012) como, por exemplo, nas remunerações, premiações, cobertura midiática e patrocínios. Apesar de romperem estereótipos de gênero e obterem avanços com a ocupação dos espaços, preconceitos sobre mulheres atletas ainda circulam dentro e fora do ambiente esportivo. A mídia é um veículo de massa que propaga ideias sexistas e estereótipos de gênero (Souza; Knijnik, 2007), pois privilegia a veiculação de imagens dos homens, com tendência a retratar mulheres a partir da exaltação de características físicas e não das suas habilidades como atletas. Em pesquisa que analisou três meses de publicações da Folha de S. Paulo, os autores identificaram que modalidades praticadas por mulheres tiveram menos cobertura e trouxeram o marcador de gênero, por exemplo: Copa do Mundo Feminina de Futebol.

A questão 35 (Figura 5) compôs a Prova 1 de 2020 e traz como gabarito a alternativa "A", ressaltando a importância do exemplo dos jogos eletrônicos na promoção da igualdade de gênero no esporte. O item descreve a inserção do futebol de mulheres pela primeira vez – o *Mia Hamm Soccer* – pela *EA Sports*, responsável pelo jogo *Fifa16*. O item requer que a/o participante compreenda que o futebol de mulheres nos jogos eletrônicos contribui para a construção de um espaço onde mulheres se sintam seguras, representadas e pertencentes a esse universo, que ainda é majoritariamente ocupado por homens.

Figura 5 – ENEM, P1, Questão 35, 2020

Em 2000 tivemos a primeira experiência do futebol feminino em um jogo de videogame, o *Mia Hamm Soccer*. Doze anos depois, uma petição on-line pedia que a EA Sports incluísse o futebol feminino no *Fifa 13*. Contudo, só em 2015, com uma nova petição on-line, que arrecadou milhares de assinaturas, tivemos o futebol feminino incluído no *Fifa 16*. Vendo um nicho de mercado inexplorado, a EA Sports produziu o jogo com 12 seleções femininas e o apresentou como inovação. A empresa sabe que mais de 40% dos praticantes de futebol nos EUA são meninas. Para elas, ver o futebol feminino representado em um jogo de videogame é extremamente importante. Ter o futebol feminino no *Fifa 16* é um grande passo para a sua popularização na luta pela igualdade de gênero, num contexto machista, sexista, misógeno e homofóbico.

Disponível em: www.ludopedio.com.br. Acesso em: 5 jun. 2018 (adaptado).

Os jogos eletrônicos presentes na cultura juvenil podem desempenhar uma relevante função na abordagem do futebol ao

- A disseminarem uma modalidade, promovendo a igualdade de gênero.
- B superarem jogos malsucedidos no mercado, lançados anteriormente.
- C inovarem a modalidade com novas ofertas de jogos ao mercado.
- D explorarem nichos de mercado antes ignorados, produzindo mais lucro.
- E reforçarem estereótipos de gênero masculino ou feminino nos esportes.

Fonte: Inep (2020)¹⁸.

Mendes *et al.* (2023) revelam que meninas preferem participar dos jogos eletrônicos utilizando personagens masculinos, omitindo seus nomes e não abrindo o microfone, a fim de evitar ofensas, constrangimentos e assédio. A nona edição da Pesquisa *Game Brasil* (Dino, 2024) revela que 51% do público *gamer* é composto por mulheres, dado que nos leva a refletir que a presença delas é invisibilizada. Mesmo que as mulheres tenham grande representatividade em número de praticantes, ainda enfrentam resistências na ocupação desses espaços e preconceitos para se manterem neles (Lod *et al.* 2023).

8 Masculinidades

A terceira categoria é a de Masculinidades circulantes nas práticas corporais. A questão 26 (Figura 6) abordou a temática de forma inédita no Enem digital de 2020. O item traz como gabarito a alternativa “C”, sublinhando o entendimento de que a masculinidade e a feminilidade são construções culturais, requisitando da/do estu-

¹⁸ Disponível em: https://download.inep.gov.br/enem/provas_e_gabaritos/2020_PV_impresso_D1_CD1.pdf. Acesso em: 4 fev. 2025.

dante o reconhecimento da existência de diversas formas de viver as identidades de gênero, especificamente, as masculinidades.

Figura 6 – ENEM digital, Questão 26, 2020

A masculinidade, assim como a feminilidade, é uma construção histórica e cultural. Em nossa cultura, a dança caracteriza-se, no sentido geral, como um universo predominantemente feminino. Homens que dançam são geralmente considerados homossexuais, por não se enquadrarem dentro das normas culturais hegemônicas de gênero e sexualidade. Por outro lado, demonstram a não existência de um único tipo de masculinidade, enfatizando que as identidades humanas são múltiplas e plurais. No contexto da dança, as representações hegemônicas de gênero e as regulações sociais que essas impõem não se manifestam de forma igual em todas as modalidades de dança. Persiste essa forte representação cultural ocidental que associa o balé à feminilidade e à homossexualidade. Em outras danças, ela não se revela tão forte, e os homens não aparecem em menor número, como nas tradicionais danças folclóricas ou no moderno hip hop.

ANDREOLI, G. S. Representações de masculinidade na dança contemporânea. *Movimento*, n. 1, 2011 (adaptado).

No que tange à identidade de gênero masculina, a dança e suas modalidades expressam o(a)

- (A) padronização da inserção dos homens nessas manifestações corporais.
- (B) identificação de como essas práticas regulam uma única masculinidade.
- (C) reconhecimento das diferentes masculinidades.
- (D) contestação das normas sociais pelo balé.
- (E) reforço de uma feminilidade hegemônica.

Fonte: Inep (2020)¹⁹.

Com a emergência dos *Mens Studies*, compreende-se que “não há um modelo masculino universal, válido para todos os tempos e lugares” (Badinter, 1993, p. 27), sendo necessário compreender que existem diversas formas de expressar a masculinidade (Devide, 2021). Entre as teorias da masculinidade, Connel (1995, 2003) afirma haver uma “masculinidade hegemônica”, que ancora valores da sociedade patriarcal e heterossexual, com características de liderança, competição, tolerância à dor e virilidade; assim como outras masculinidades: cúmplice, marginalizada e subordinada. Neste cenário, as danças são práticas corporais que remetem historicamente à feminilidade, afastando-se das características da masculinidade normativa, fazendo com que os homens enfrentem barreiras de gênero para se inserirem nesta atividade em nossa cultura corporal (Andreoli, 2010).

A questão 14 (Figura 7) integrou o exame de 2020 para PPL/ Reaplicação e traz o conteúdo de quadrinhos da Turma da Mônica - *Brincadeira de menino* e tem como gabarito a alternativa “A”. O item debate a generificação de brinquedos e brincadeiras e requer

¹⁹ Disponível em: https://download.inep.gov.br/enem/provas_e_gabaritos/2020_PV_digital_D1_CD1_espanhol.pdf. Acesso em: 4 fev. 2025.

da/do estudante a compreensão de que este processo é histórico e cultural, sendo atravessado por estereótipos e preconceitos que geram resistências das crianças quando se deparam com práticas corporais generificadas de forma binária, para meninas ou meninos (Devide, 2023).

Figura 7 – ENEM, PPL/Reaplicação, Questão 14, 2020

**Estória de um gibi da Turma da Mônica, intitulada
*Brincadeira de menino***

Mônica, conhecida personagem de Maurício de Sousa, passa na casa da sua melhor amiga, Magali, para convidá-la para brincar. A mãe da Magali diz que a menina está com gripe e precisa de repouso, e por isso não vai poder sair de casa. Mônica sai triste e pensativa, quando cruza com o Cebolinha e convida-o para brincar com ela de "casinha". Ele se recusa e diz: "— Homem não *blinca* de casinha", e Mônica retruca: "— Ah, Cebolinha! Que preconceito!". Cebolinha responde: "— *Pleconceito* uma ova! Casinha é coisa de menina! Vou te *mostlar* o que é *blincadeila* de menino!". Enquanto ele sai de cena, Mônica fica debaixo de uma árvore brincando sozinha e Cebolinha faz várias aparições com brinquedos e brincadeiras supostamente só de meninos: aparece "voando" num skate, mas cai na frente dela. Depois aparece numa bicicleta, mas bate numa pedra e cai. Aparece de patins, tropeça e cai. Reaparece chutando uma bola, mas a bola bate na árvore e volta acertando sua cabeça. Desanimado e desistindo das "suas" brincadeiras, Cebolinha aparece no último quadro, ao lado da Mônica, brincando de "casinha".

OLIVEIRA, A. B.; PERIM, G. L. (Org.). Fundamentos pedagógicos para o programa Segundo Tempo. Brasília: Ministério do Esporte, 2008 (adaptado).

Refletindo sobre as relações de gênero nas brincadeiras infantis, a estória mostra que

- Ⓐ meninos podem se envolver com os mesmos brinquedos e brincadeiras que meninas.
- Ⓑ meninas são mais frágeis e por isso devem se envolver em brincadeiras mais passivas.
- Ⓒ meninos são mais habilidosos do que meninas e por isso se envolvem em atividades diferentes.
- Ⓓ meninas tendem a reproduzir mais os estereótipos de gênero em suas práticas corporais do que os meninos.
- Ⓔ meninos e meninas devem se envolver em atividades distintas, como, respectivamente, o futebol e a "casinha".

Fonte: Inep (2020)²⁰.

Considerando que a anatomia não é um destino para a construção dos sujeitos e suas identidades e que estas são incompletas, transitórias e móveis (Hall, 2015; Devide, 2021), sublinhamos que o sexo não deve determinar papéis sociais, conforme a personagem que se recusa a se envolver com a brincadeira que se afasta socialmente de uma masculina normativa, nem a anatomia dos corpos determina as habilidades para práticas corporais, tampouco participar de uma brincadeira relacionada às atividades de cui-

²⁰ Disponível em: https://download.inep.gov.br/enem/provas_e_gabaritos/2020_PV_reaplicacao_PPL_D1_CD1.pdf. Acesso em: 4 fev. 2025.

dado com a casa determina a identidade sexual, sendo necessário desconstruirmos a suposta linearidade entre o sexo, o gênero e o desejo (Butler, 2003).

9 Sexualidade

A categoria da Sexualidade é representada por dois itens. A questão 36 (Figura 8) abordou a temática de forma inédita na Prova 1, em 2023, trazendo como gabarito a alternativa “B”. O texto aborda os critérios para a inserção de atletas trans nos Jogos Olímpicos, a partir do exemplo da neozelandesa Laurel Hubbard. O item requisita da/do estudante a compreensão de que a inclusão de atletas trans no evento está condicionada ao controle dos corpos, a partir da padronização de características biológicas, especificamente, dos níveis de testosterona.

Figura 8 – ENEM, P1, Questão 36, 2023

A neozelandesa Laurel Hubbard fez história nos Jogos Olímpicos. Apesar de ter ficado de fora da disputa por medalhas, a levantadora de peso deixou sua marca na edição de Tóquio por ser a primeira mulher abertamente transgênero a participar de uma competição olímpica. No início da carreira, na década de 1990, a neozelandesa participava de disputas na categoria masculina. Em 2001, aos 23 anos, ela se afastou da atividade. “A pressão de tentar me encaixar em um mundo que talvez não tenha sido feito para pessoas como eu se tornou um fardo muito grande para suportar.” Em 2012, Laurel começou sua transição de gênero por meio de terapias hormonais e, em 2013, declarou abertamente ser uma mulher trans. Para o Comitê Olímpico Internacional, a participação de mulheres trans nos Jogos é permitida caso o nível de testosterona, hormônio que aumenta a massa muscular, esteja abaixo de 10 nanomols por litro por pelo menos 12 meses.

Disponível em: <https://revistagaleu.globo.com>. Acesso em: 18 nov. 2021 (adaptado).

No texto, os limites do potencial inclusivo do esporte são dados pela

- A** dificuldade de conseguir bons resultados esportivos.
- B** dependência de características biológicas padronizadas.
- C** inexistência de uma categoria para pessoas transgênero.
- D** necessidade de afastamento temporário das competições.
- E** impossibilidade de uso controlado de substâncias exógenas.

Fonte: Inep (2023)²¹.

A política de verificação de gênero foi uma das práticas regulatórias do Comitê Olímpico Internacional (COI), criada para con-

²¹ Disponível em: https://download.inep.gov.br/enem/provas_e_gabaritos/2023_PV_impresso_D1_CD3.pdf. Acesso em: 4 fev. 2025.

trolar os corpos e proibir a participação de identidades consideradas desviantes, constituindo-se em dispositivo de violência e controle dos corpos, de caráter discriminatório e constrangedor (Anjos; Goellner, 2017). Somente em 2004 o COI autorizou a participação de atletas trans, desde que tenham passado por cirurgia de redesignação genital, obrigação retirada pela entidade em 2016. Contudo, enquanto homens trans competem sem restrições na categoria masculina, o COI ainda determina que para mulheres trans poderem competir, precisam comprovar que os níveis de testosterona estão sob controle durante o período pregresso de 12 meses (Pires, 2016; Zoboli; Manske; Galak, 2021).

A questão 37 (Figura 9) integrou a Prova 1, em 2023, e traz como gabarito a alternativa “B”. Apesar de apresentar aspecto relacionado à saúde mental como gabarito, selecionamos o referido item por trazer em seu texto base uma narrativa de abuso sexual sofrido por meninas atletas. A questão requisita da/do estudante a reflexão sobre a negligência de instituições esportivas em relação aos casos de abuso sexual no esporte e como esta dimensão afeta a saúde mental de atletas.

Figura 9 – ENEM, P1, Questão 37, 2023

“Ganhei 25 medalhas em mundiais, sete em Jogos Olímpicos, e sou uma sobrevivente de abuso sexual.” Foi assim que Simone Biles se apresentou ao comitê do Senado norte-americano que investiga as supostas falhas do FBI no caso Larry Nassar. Biles e outras três atletas, vítimas dos abusos do ex-médico da equipe de ginástica feminina dos EUA, exigiram que os agentes da investigação sejam processados por falta de ação prévia contra Nassar, agora preso. Biles esclareceu que culpa Larry Nassar e “todo o sistema que o permitiu e o perpetrou”, acusando a Federação de Ginástica e o Comitê Olímpico dos Estados Unidos de saberem “muito antes” que ela havia sofrido abusos. A melhor ginasta do mundo é um ícone. Nos Jogos Olímpicos de Tóquio, uma lesão psicológica a impediu de competir como previa. No entanto, ela chegou ao topo como uma líder no trabalho de acabar com o preconceito com os problemas de saúde mental. “Não quero que nenhum outro atleta olímpico sofra o horror que eu e outras centenas suportamos e continuamos suportando até hoje”, afirmou.

Disponível em: <https://brasil.eipais.com>. Acesso em: 31 out. 2021 (adaptado).

O fato relatado na notícia chama a atenção acerca da necessidade de reflexão sobre a relação entre o esporte e

- A o desempenho atlético internacional.
- B a dimensão emocional dos atletas.
- C os comitês olímpicos nacionais.
- D as instituições de inteligência.
- E as federações esportivas.

Fonte: Inep (2023)²².

²² Disponível em: https://download.inep.gov.br/enem/provas_e_gabaritos/2023_PV_impresso_D1_CD3.pdf. Acesso em: 4 fev. 2025.

A violência sexual ocorre em diversos contextos, inclusive no esporte, arena marcada por relações de poder abusivas, que colocam mulheres em posição de fragilidade e inferioridade (Bambace; Panfili; Camilo, 2020). Gama (2019) revela que dos 159 casos de abuso sexual no contexto desportivo relatados pela imprensa, em 98% os agressores são treinadores, professores ou instrutores homens em posição de autoridade. Lary Nassar, médico norte-americano, recebeu 125 denúncias oficiais e trabalhou por quase três décadas na equipe de ginástica de seu país, violentando sexualmente diversas meninas, sem que a confederação ou o comitê olímpico nacional adotassem alguma sanção (Nery; Neto, 2021).

10 Feminilidade normativa

A última categoria contempla dois itens. A questão 9 (Figura 10) esteve presente no ENEM digital, em 2020, e traz como gabarito a alternativa “B”. O item aborda como a mídia reforça a produção de expectativas sobre uma aparência corporal, que ancora uma feminilidade urbana, contemporânea e heterossexual. Requer que da/do participante a percepção de como os exercícios têm contribuído para a construção do desejo por uma estética corporal hegemônica, que atenda aos padrões normativos de feminilidade.

Figura 10 – ENEM digital, Questão 9, 2020

A *Em Forma* é uma revista destinada às mulheres, às expectativas de consumo que podem ser produzidas ou que se encontram no horizonte de uma feminilidade urbana contemporânea impelida à disputa no mercado afetivo masculino (as mulheres da *Em Forma* são jovens e heterossexuais). A *Em Forma* tem como conteúdo central de suas reportagens dietas e séries de exercícios, fármacos para a pele e o cabelo, com fins de embelezamento do corpo e cuidados com a saúde, e reportagens com temas de autoajuda. Ela organiza-se em seções específicas: 1. *Fitness*; 2. *Beleza*; 3. *Dieta e nutrição*; 4. *Bem-estar*; e 5. *Especial*. Além dessas seções, apresenta sempre uma reportagem com a “Garota da capa” e outras minisseções que veiculam conteúdos similares aos das seções fixas.

ALBINO, B. S.; VAZ, A. F. O corpo e as técnicas para o embelezamento feminino. *Movimento*, n. 1, 2008 (adaptado).

Considerando-se as expectativas sobre as feminilidades produzidas pela mídia, na revista mencionada a prática de exercícios tem corroborado para a construção de uma feminilidade

- (A) plural, que prioriza a saúde, o bem-estar e a beleza.
- (B) hegemônica, que normaliza a heterossexualidade e a jovialidade.
- (C) heterogênea, prevendo a existência de corpos com diferentes formas.
- (D) padronizada, que privilegia a autonomia das mulheres sobre seu estilo de vida.
- (E) cristalizada, desconsiderando as expectativas de consumo na contemporaneidade.

Fonte: *Inep* (2020)

Rocha (2018, p. 6) ressalta que a atenção conferida à beleza feminina é uma “construção histórica, social e cultural”. Neste cenário, a mídia impõe uma imagem corporal que impulsiona a busca pela suposta perfeição, que traria liberdade e felicidade. Contudo, essa busca incessante tem sido nefasta, fazendo com que meninas e mulheres sintam-se inseguras com sua aparência (Verlaet, 2020), alimentando uma “indústria da beleza” que lucra cada vez mais diante das insatisfações, oferecendo a promessa de alcance do padrão estético hegemônico (Silva, 2022).

A questão 42 (Figura 11) esteve presente na prova 1, em 2021, e traz como gabarito a letra “C”. O item aborda a erotização do corpo das mulheres a partir de uma educação do gesto, que pressupõe a aproximação com as práticas corporais e de lazer. A questão requer da/do estudante a reflexão sobre como o corpo das mulheres é apresentado de forma objetificada e sexualizada ao longo da história, no contexto do esporte e lazer.

Figura 11 – ENEM, P1, Questão 42, 2021



LICHTENSTEIN, R. **Garota com bola**. Óleo sobre tela, 153 cm x 91,9 cm. Museu de Arte Moderna de Nova York, 1961.

Disponível em: www.moma.org. Acesso em: 4 dez. 2018.

A obra, da década de 1960, pertencente ao movimento artístico *Pop Art*, explora a beleza e a sensualidade do corpo feminino em uma situação de divertimento. Historicamente, a sociedade inventou e continua reinventando o corpo como objeto de intervenções sociais, buscando atender aos valores e costumes de cada época. Na reprodução desses preceitos, a erotização do corpo feminino tem sido constituída pela

- A realização de exercícios físicos sistemáticos e excessivos.
- B utilização de medicamentos e produtos estéticos.
- C educação do gesto, da vontade e do comportamento.
- D construção de espaços para vivência de práticas corporais.
- E promoção de novas experiências de movimento humano no lazer.

Fonte: Inep (2021)²³.

A noção de objetificação, erotização e espetacularização dos corpos de mulheres na sociedade é um tema presente nos estudos

23 Disponível em: https://download.inep.gov.br/enem/provas_e_gabaritos/2021_PV_impresso_D1_CD1.pdf. Acesso em: 4 fev. 2025.

de gênero. Rossi (2017, p. 240) afirma que “Corpos femininos são superexpostos, o que confere ao feminino visibilidade como objeto mas, raramente, como sujeito”. Neste contexto, mulheres são representadas nas obras de arte, na televisão, na publicidade, fomentando uma ideia de beleza padronizada (Januário, 2015) e o esporte tem sido um contexto idealizado para este fim (Zoboli; Costa, 2014).

11 Considerações Finais

Os resultados encontrados atestam avanços na abordagem do gênero e/ou da sexualidade em itens de EF presentes no ENEM entre 2020-2023. Nas últimas quatro edições do exame, os cadernos de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, trouxeram onze itens de EF que abordaram o gênero e/ou sexualidade, equivalendo a 28,2% do total de itens deste componente curricular no período pesquisado, com destaque para as temáticas das masculinidades e da sexualidade, abordadas de forma inédita.

É importante refletir sobre o significado desta visibilidade num cenário de pânico moral, vigilância e censura sobre este debate na Educação nacional no passado recente. O ENEM, enquanto avaliação em larga escala, e a EF, especificamente, desempenham uma função político-social relevante ao visibilizar o gênero e/ou a sexualidade no Ensino Médio, o que demanda sua abordagem através do ensino de conteúdos que promovam a reflexão sobre as relações de gênero, corpo e sexualidade nas práticas corporais, combatendo práticas que reforçam preconceitos, exclusões e violências.

Referências

ANDREOLI, G. S. Dança, gênero e sexualidade: um olhar cultural. **Conjectura**, São Paulo, v. 15, ed. 1, p. 107-118, 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/download/57026350/danca_genero_e_sexualidade_um_olhar_cultural.pdf. Acesso em: 29 dez. 2023.

ANJOS, L. A. dos; GOELLNER, S. V. Esporte e Transgeneridade: corpos, gênero e sexualidades plurais. *In*: DORNELLES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. (orgs.). **Educação Física e Sexualidade**: desafios educacionais. Ijuí: Unijuí, 2017. p. 51-72.

ARAUJO, A. B. C. de; DEVIDE, F. P. "Gênero" e "Sexualidade" na formação em Educação Física: uma análise dos cursos de licenciatura das instituições de ensino superior públicas do Rio de Janeiro. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 25-41, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/21840>. Acesso em: 04 fev. 2025.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (ABGLT). Secretaria de Educação. **Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015**: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Curitiba: ABGLT, 2016. Disponível em: https://site.mppr.mp.br/sites/hotsites/arquivos_restritos/files/migrados/File/publi/lgbt/pesquisa_nacional_educacional_lgbt_2016.pdf. Acesso em: 28 jan. 2025.

BADINTER, E. **Sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BAMBACE, A. P. Q.; PANFILI, A. B. V.; CAMILO, J. A. O. Sobre a violência sexual no esporte olímpico envolvendo mulheres: um estudo a partir de reportagens em diferentes sites esportivos. **Olimpianos**: Journal of Olympic Studies, [s. l.], v. 4, p. 122-136, 2020. Disponível em: <https://journal.olimpianos.com.br/journal/index.php/Olimpianos/article/view/98>. Acesso em: 4 fev. 2025.

BARBOZA, R. de G.; SOUZA JÚNIOR, M. A tematização de gênero na formação inicial em Educação Física: construção social das diferenças no currículo *In*: XXIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 23. 2023, Fortaleza. **Anais eletrônicos** [...]. Fortaleza: Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte, 2023. Disponível em: <https://cbce.org.br/evento/conbrace23>. Acesso em: 27 out. 2023.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941**. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Brasília, DF: Casa Civil, 1941. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 4 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 2, de 20 de dezembro de 2019**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). Brasília, DF: Conselho Nacional de Educação, 2019. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2019-pdf/135951-rcp002-19/file>. Acesso em: 4 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 4 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Brasília, DF: Conselho Nacional de Educação, 2015. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2019-pdf/135951-rcp002-19/file>. Acesso em: 4 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM): fundamentação teórico-metodológica**. Brasília, DF: INEP, 2009. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes_e_exames_da_educacao_basica/enem_exame_nacional_do_ensino_medio_fundamentacao_teorico_metodologica.pdf. Acesso em: 4 fev. 2025.

BRASIL. **Lei nº 10.793, de 1º de dezembro de 2003.** Altera a redação do art. 26, § 3o, e do art. 92 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que “estabelece as diretrizes e bases da educação nacional”, e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2003. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2003/lei-10793-1-dezembro-2003-497217-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 4 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Educação Física. Brasília, DF: Ministério da Educação e do Desporto: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 4 fev. 2025.

BRITO, L. T. de; DEVIDE, F. P. Educação física no exame nacional do ensino médio: quando o gênero entra em campo. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 24, e65948, 2021. DOI: 10.5216/rpp.v24.65948. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/65948>. Acesso em: 4 fev. 2025.

BUTLER, J. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CABRERA, C. G. **Tenho medo, esse era o objetivo deles:** esforços para proibir a educação sobre gênero e sexualidade no Brasil, [s. l.]: Human Rights Watch, 2022. Disponível em: <https://www.hrw.org/pt/report/2022/05/12/381942>. Acesso em: 12 maio 2022.

CONNELL, R. **Masculinidades.** México: UNAM-PUEG, 2003.

CONNELL, R. Políticas de Masculinidade. **Educação e Realidade**, Rio de Janeiro. v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995.

DEVIDE, F. P. Educação Física, relações de gênero e sexualidade: aproximações coeducativas com o chão da escola. *In*: SILVA, A. P.; MIRANDA, M. (orgs.). **Corpo consciente e questões de gênero no chão da escola**. São Carlos: João & Pedro, 2023. p. 29-47.

DEVIDE, F. P. Estudos das Masculinidades na Educação Física e no Esporte: reflexões e contribuições sobre as teorias de Raewyn Connell e Eric Anderson. *In*: DEVIDE, F. P.; BRITO, L. T. de. (orgs.). **Estudos das Masculinidades na Educação Física e no Esporte**. São Paulo: NVersos, 2021. p. 23-61.

DEVIDE, F. P. Estudos de gênero na Educação Física brasileira: entre ameaças e avanços, na direção de uma pedagogia queer. *In*: WENETZ, I; ATHAYDE, P.; LARA, L. (orgs.). **Gênero e sexualidade no esporte e na educação física** – v. 6. Natal: UFRN, 2020. p. 91-105. Disponível em: <https://www.cbce.org.br/item/genero-e-sexualidade-no-esporte-e-na-educacao-fisica---ciencias-do-esporte--educacao-fisica-e-producao-do-conhecimento-em-40-anos-de-cbce>. Acesso em: 17 set. 2023.

DEVIDE, F. P.; OSBORNE, R.; SILVA, E. R.; FERREIRA, R. C.; SAINT CLAIR, E.; NERY, L. C. P. Estudos de Gênero na Educação Física Brasileira. **Motriz**, Rio Claro, v. 17, n. 1, p. 93-103, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/motriz/a/vdH5QcysDZcqrTk4hNZsqYJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 mar. 2024.

DEVIDE, F. P.; VOTRE, S. J. Doping e mulheres nos esportes. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 123-138, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4013/401338511009.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2024.

DINO. Mulheres representam 51% do público gamer no Brasil. **O Globo**, Rio de Janeiro, 01 mar. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/patrocinado/dino/noticia/2024/03/01/mulheres-representam-51-do-publico-gamer-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 18 de mar. de 2024.

FERNANDES, A; RODRIGUES, H; NARDON, T. A inserção dos conteúdos de Educação Física no Enem: entre a desvalorização do componente curricular e as contradições da democracia. *In: DARIDO, Suraya (org.). Educação Física no Ensino Médio: diagnósticos, princípios e práticas.* Ijuí: Unijuí, 2017. p. 477-493.

FERNANDES, V.; MOURÃO, L.; GOELLNER, S. V.; GRESPAN, C. L. Mulheres em combate: representações de feminilidades em lutadoras de boxe e MMA. *Revista da Educação Física / UEM, Maringá*, v. 26, n. 3, p. 367-376, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v26i3.26009>. Acesso em: 27 ago. 2023.

FIGUEIRA, M. L. M.; GOELLNER, S. V. “Quando você é excluída, você faz o seu”: mulheres e skate no Brasil. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 41, p. 239-264, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/i/2013.n41/>. Acesso em: 7 fev. 2025.

FRANÇA, Á. L. de; MARANI, V. H.; IWAMOTO, T. C.; DEVIDE, F. P. Temáticas emergentes no GTT Gênero: uma análise preliminar dos anais do Conbrace/Conice. 2023. *In: MACEDO, C. G.; COSTA, M. C. S.; ANTUNES, M. F. S.; AMARAL, A. A. 25 anos dos GTTS do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte: trajetórias e perspectivas.* Uberlândia: Navegando Publicações, 2023. p.119-129. Disponível em: https://www.editoranavegando.com/_files/ugd/35e7c6_87eb41d079db4589a1790fd420f81b75.pdf. Acesso em: 28 jan. 2025.

GAMA, M. da C. M. M. da. **Representações sociais sobre o abuso sexual no contexto desportivo.** 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia Comunitária e Proteção de Crianças e Jovens em Risco) – Escola de Ciências Sociais e Humanas, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2019. Disponível em: https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/20049/1/Master_Maria_Marques_Gama. Acesso em: 21 dez. 2023.

GOELLNER, S. V. Gênero. *In*: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (orgs.). **Dicionário Crítico de Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2005a. p. 207-209.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005b. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16590>. Acesso em: 8 nov. 2023.

GOELLNER, S. V. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 171-196, 2007.

GOELLNER, S. V.; KESSLER, C. S. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade. **Revista USP**, São Paulo, n. 117, p. 31-38, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/148685>. Acesso em: 7 fev. 2025.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: discontinuidades, resistência e resiliências. **Movimento**, Porto Alegre, v. 27, e27001, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/110157>. Acesso em: 7 fev. 2025.

HALL, S. **A identidade na pós-modernidade**. Lamparina: Rio de Janeiro, 2015.

INEP. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Censo Escolar da Educação Básica 2010: resumo técnico. Brasília, DF: INEP, 2010. Disponível em: https://download.inep.gov.br/download/censo/2010/divulgacao_censo2010_201210.pdf. Acesso em: 21 fev. 2025.

JANUÁRIO, S. B. Modos de ver: a (in) visibilidade feminina enquanto profissional do esporte. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38. 2015, Rio de Janeiro. **Anais**

[...]. Rio de Janeiro: Intercom, 2015. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1055-1.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2024.

LEITE, M. A.; MEDEIROS, N. F. M.; IWAMOTO, T. C.; DEVIDÉ, F. P.; ALMEIDA, D. M. F. A temática gênero na licenciatura em Educação Física: discussões acerca da formação inicial. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 34, n. 65, p. 1-18, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/84292>. Acesso em: 7 fev. 2025.

LOD, J. V. G.; SILVA, M. E. N.; ANDRADE, M. S. S.; ROCHA, A. V. A.; MONTEIRO, F. Y. S. A resistência feminina dentro dos E-Sports. *In: XXIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE*, 23. 2023, Fortaleza. **Anais eletrônicos** [...]. Fortaleza: Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte, 2023. Disponível em: <https://cbce.org.br/evento/conbrace23>. Acesso em: 2 dez. 2023.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 14-36. Disponível em: <https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/03/genero-sexualidade-e-educacao-guacira-lobes-louro.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2024

LOURO, G. L. **O Corpo Educado**: Pedagogia das sexualidades. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001a.

LOURO, G. L. Teoria *queer*: uma política pós-identitária para a educação. **Revista estudos feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001b. Disponível em: <https://www.scielo.br/jj/ref/a/64NPxWpgVkT9BXvLXvTvHMr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 1 fev. 2024.

MACEDO, C. G.; GOELLNER, S. V. Gênero e Educação Física: inclusão da temática nos CONBRACEs. *In: CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE*. 2014. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/7csbce/2014/paper/view/5907>. Acesso em: 17 set. 2023.

MENDES, M. E. S.; SILVA, F. M. C.; SANCHES NETO, L.; VENÂNCIO, L. A participação feminina nos jogos eletrônicos: implicações a Educação Física escolar. *In: XXIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE*, 23. 2023, Fortaleza. **Anais eletrônicos** [...]. Fortaleza: Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte, 2023. Disponível em: <https://cbce.org.br/evento/conbrace23>. Acesso em: 2 dez. 2023.

MESSNER, M. A. **Power at play**: sports and the problem of masculinity. Boston: Beacon Press, 1992.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2002.

MONTEIRO, Marcos Vinicius Pereira. Gênero e a naturalização das diferenças na Educação Física escolar. **Revista do departamento de Educação Física** – Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, v. 1, ed. 1, p. 53-71, 2016.

NERY, M.; NETO, C. **Assédio e abuso sexual no desporto**. Lisboa: Comitê Olímpico de Portugal, 2021. p. 1-24. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Miguel-Nery/publication/327845357_Desporto_Genero_e_Sexualidade/links/5f20381f92851cd5fa4e4731/Desporto-Genero-e-Sexualidade.pdf. Acesso em: 5 fev. 2025.

PESSANHA, L. E. R.; DEVIDE, F. P. O discurso docente sobre gênero e sexualidade na Educação Física escolar. *In: XXIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE*, 23. 2023, Fortaleza. **Anais eletrônicos** [...]. Fortaleza: Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte, 2023. Disponível em: <https://cbce.org.br/evento/conbrace23>. Acesso em: 2 dez. 2023.

PIRES, B. **As políticas e produções de sexo/gênero no esporte**: um olhar sobre o hiperandrogenismo às vésperas das Olimpíadas Rio 2016. 2016. Disponível em: <http://memoriadasolimpiadas.rb.gov.br/jspui/bitstream/123456789/970/1/Artigo%20B%c3%a1rbara%20Pires%20-%20Doping%20PDF.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2023.

RAMALHO, C. C.; SANTOS, J. V. S.; CARDOSO, F. S.; PEREIRA, M. G. M. Gênero nos currículos dos cursos de licenciatura e bacharelado em Educação Física nas universidades públicas de Minas Gerais. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 34, n. 65, p. 1-20, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/83753>. Acesso em: 8 fev. 2025.

ROCHA, I. P. Objetificação do corpo feminino e a cultura do estupro. 2018. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Psicologia) – Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, Fortaleza, 2018. Disponível em: <https://unileao.edu.br/repositoriobibli/tcc/I%C3%8AGO%20PAULINO%20ROCHA%201104.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2024.

ROSSI, T. C. Feminilidade e suas imagens em mídias digitais: Questões para pensar gênero e visualidade no século XXI. **Tempo Social**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 235-255, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/K6YDWkysX5FBBR9Q9rPXWJM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 fev. 2024.

SALVINI, L. SOUZA, J.; MARCHI JÚNIOR, W. A violência simbólica e a dominação masculina no campo esportivo: algumas notas e digressões teóricas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 401-410, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/syj4xcRN9JQnrSp7F4s6CXS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 dez. 2023.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, [s. l.], v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoe realidade/article/view/71721>. Acesso em: 28 jan. 2025.

SILVA, G. G. M. da; LARA, L. M. Gênero e sexualidade em cursos de Educação Física em universidades estaduais do Paraná. *In: XXIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE*, 23. 2023,

Fortaleza. **Anais eletrônicos** [...]. Fortaleza: Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte, 2023. Disponível em: <https://cbce.org.br/evento/conbrace23>. Acesso em: 26 out. 2023.

SILVA, M. E. E. da. **Como padrões de beleza afetam na autoestima da mulher segundo a influência da mídia**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/28714>. Acesso em: 2 dez. 2023.

SOUZA JÚNIOR, O. M. de; DINIZ, I. K. dos S.; DITOMASO, A. Educação Física no Enem: análise das questões à luz dos PCNs. *In*: DARIDO, S. C. (org.). **Educação Física no Ensino Médio: diagnósticos, princípios e práticas**. Ijuí: Unijuí, 2017. p. 455-475.

SOUZA, J. S. S.; KNIJNIK, J. D. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 21, n.1, p. 35-48, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16642/18355>. Acesso em: 21 dez. 2023.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física**. São Paulo: ArtMed, 2012.

VERLAET, P. M. **A Mídia e as Representações Visuais de Feminilidade e Corporeidade**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/14476>. Acesso em: 18 mar. 2024.

ZOBOLI, F.; MANSKE, G. S.; GALAK, E. A generificação dos corpos de atletas trans e políticas de biologização do sexo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 2, e79304, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/bg8BWqdPg6GXCMCQB5GTTwg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 2 dez. 2023.

ZOBOLI, F.; COSTA, T. R. Corpo, sexualidade e gênero: a mulher atleta. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 13, n. 154, p. 43-53, 2014. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/42078743/23234-98267-1-PB.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2024.

ZUANETI, M. M.; SAURIN, B. S.; FERREIRA, A. C. de S. Dupla carreira e mobilidade social no futsal brasileiro: diferenças entre homens e mulheres. **Journal of Physical Education**, Maringá, v. 32, n. 1, e3249, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jpe/a/wghJDyFg5B8YWwFMPPFDHZ4K/?format=pdf&lang=>. Acesso em: 29 dez. 2023.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.